

SEGUNDO CADERNO

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

Sou da Penha-2

Nova viagem afetiva ao cenário da guerra carioca

Como eu ia dizendo, até ser interrompido pelo tiroteio no Alemão, pela metralhadora Lurdinha do Tenório Cavalcanti e pela Remington do David Nasser escrevendo "Penha, Penha, eu vim aqui me ajoelhar" — eu sou daquelas bandas. O vizinho da direita ensinava o papagaio a dizer "Casas da Banha" para concorrer ao prêmio na "Discoteca do Chacrinha". O da esquerda recebia o espírito de Nero, o imperador de Roma, e só depois saía para trabalhar como engolidor de fogo no Largo da Carioca. Acredite se quiser, dizia um programa da Nacional tocando no resto da rua.

Parece a Macondo de García Márquez, a Penny Lane do Paul McCartney. É a Vila da Penha que vai em todos nós.

Pois eu nasci ali, num clima quente, duas quadras depois de onde estão estacionadas as tropas do Beltrame e um pouco para cá da quadra de ensaios do Bohêmios de Irajá. Apenas um morador sem importância da casa de pedra no meio do caminho entre a barraca que vendia maçã do amor no Parque Shanghai e o coreto de Vaz Lobo do ano em que homenageou o Sputnik. Uma moça de sarongue canta "Laranja da Bahia tem o umbigo de fora, por que é que você, Maria, escondeu o seu até agora?" — mas isso não vem ao caso.

Sou da área, do pique-esconde, da cabra-caga, do pique-bandeira, do morto-vivo, do jogo da amarelinha e do terreiro do Seu Sete da Lira soltando fumaça pelo charuto. Sou da Penha Circular, do calor do cão, da baixada suburbana, um quinzinho qualquer fichado como *di* menor pelo delegado Nelson Duarte, da Invernada de Olaria, por ter pulado a roleta sem pagar o trem. Nada a declarar a não ser o de sempre. "Marraio, feridô sou rei". Deus guarde o senhor delegado, com sua gomalina e terno branco. Era um dos homens de ouro do Esquadrão da Morte, um sujeito sobre o qual nada constava a não ser o fato de ir ao programa do Fávio Cavalcanti e dizer "a polícia como um *tolido*". Sou a tudo grato e tomei nota no caderno de caligrafia.

Obrigado também ao padre de sotaque alemão que ao ouvir o barulho das crianças levantando para receber a hóstia consagrada

na missa de domingo dizia: "Levantou a cavalária." A todos, peço bênção e saúdo com figurinhas das balas Ruth, uma umbigada da mulata que me vai ao lado no bonde 98 (Irajá-Madureira) e o primeiro gole da que matou o guarda ao pé do balcão. A Penha ainda me serve de toldo, e, agora, numa gravação recente de Caetano Veloso para o mesmo baião de David Nasser, peço que ela traga "proteção para o meu lar".

Eu sou aquele ali, moendo vidro na linha de trem para fazer cerol, aquele acolá colocando gilete na rabiola da pipa, e ainda aquele outro tomando uma colher de óleo de fígado de bacalhau para manter a memória sempre viva. É ela agora quem me conduz a bordo do 355 (Tiradentes-Madureira) até a Adega d'Ouro, em Vicente de Carvalho, para comer uma posta de

bacalhau. É a memória quem retrocede até a cancela da estação de Irajá, passa pelo Cacique de Ramos, o Bafo da Onça de Oswaldo Nunes, e sobe na calçada da Carmela Dutra, onde a normalista me diz que precisa de um menino para lhe urinar nos pés e curar uma frieira.

Salve a medicina suburbana, o emplastro Sabiá e o xarope de alcatrão de São João da Barra. Se não me falha a memória, e salve também a ajuda do Biotônico Fontoura, eu sou aquele outro, no canto do vídeo, crente nas orações de Julio Louzada ao Menino Jesus de Praga e ao mesmo tempo agradecido à cozinha, neta de escravos, fã de Anísio Silva, por ter curado uma espinhela caída com banho de arruda e reza forte.

Eu sou da Vila da Penha, da Penha sempre me Circular, e tenho como mantra as can-

ções "Guará, Guará, melhor refrescante não há" e "O meu coração é só de Jesus, a minha alegria é a santa cruz", músicas que dedico àquela moça de saia de tergal plissada e blusa Banlon vinho, comendo algodão-doce no banco à esquerda de quem entra no Parque Ari Barroso.

Eu morei ali, dá para ver direitinho no Google Earth, um pouco mais para cá da fábrica de biscoitos Piraquê, um pouco para lá da Lira do Xopotó no coreto do Jardim do Méier, exatamente ali naquele quarto escuro onde o menino está soltando da caixa de fósforos os vaga-lumes que caçou na rua. A noite daquele quarto piscava mais bonita que as estrelas no céu de Van Gogh, mais irreal que todos os fogos do réveillon de Copacabana, mais frenética que todos os neons de Times Square, mas ele só saberia disso muitos anos depois e só não seria tarde demais porque arquivou a cena bem guardada graças aos bons serviços prestados à memória da criança suburbana pela gemada de Caracu batida com ovo, canela e noz-moscada.

De vez em quando os vaga-lumes ainda piscam nos dedos do menino, e isso faz com que ele se lembre do cheiro de capim molhado do Largo do Bicão, do medo de morrer de vento encanado, do prazer de um pião rodando na palma da mão, ou de alguma menina perguntando se uva, pera ou maçã — e ele escreve longas histórias no jornal, às vezes tão mais compridas que a estrada de Brás de Pina, às vezes tão mais tristes que as rolinhas que ele prendia no alçapão do quintal. É o Bope das forças afetivas que ele desenvolveu e para sempre carrega, em caixas de fósforos Olho, Pinheiro ou Beija-Flor, no bolso da japona.

É o que o menino pode fazer pelos vizinhos. Quer evocar o guarda-noturno, os sacos de doce de Cosme e Damião, o jacaré que dormia embaixo da sua cama, o vendedor de Chica Bon e mais as armas de Jerônimo, o herói do Sertão, para que a memória dos bons dias ajude a apagar as balas traçantes e faça acender de novo o inesquecível pisca-pisca dos vaga-lumes no meio da noite da Penha Circular.

E-mail: joaquim.santos@oglobo.com.br



Claudio Duarte

VALE RIO PREFEITURA BNDES

CONCERTOS DA JUVENTUDE

NÃO É SÓ O FUTEBOL QUE TEM CASA CHEIA NO DOMINGO

Domingo, 11 da manhã e uma plateia lotada de jovens da rede municipal de ensino. Assim foi o último Concerto da Juventude de 2010, realizado no dia 12 de dezembro em parceria com o Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A Orquestra Sinfônica Brasileira fica muito orgulhosa em trazer mais um programa que já virou tradição nos domingos cariocas: a música clássica.



OSB 70 ANOS
DIRETOR ARTÍSTICO ROBERTO MINCZUK

Confira a programação completa da temporada 2010 em www.osb.com.br

Patrocinadores dos Concertos da Juventude:



Coapoio Cultural:



CARTA

Chico e o Jabuti

• Em competições artísticas, o primeiro prêmio costuma carregar uma espécie de maldição. O que acontece com "Leite derramado", aliás, é pinto, perto do que passamos no Maracanãzinho em 1968, Tom Jobim, eu e a nossa "Sabiá".

Não estou aqui para defender a excelência dos meus romances. Também já compreendi que, para muitos, é inconcebível que um cantor e compositor de música popular ganhe prêmios literários. Só me estranha que algumas recentes colunas de O GLOBO tenham voltado a questionar os critérios de premiação do Prêmio Jabuti, que a meu ver já foram esclarecidos há mais de um mês por Miguel Conde, nas páginas deste mesmo jornal. Portanto peço licença para reproduzir um trecho do seu blog Prosa Online, de 5/11/2010:

"Alguns leitores do blog questionaram o fato de o livro de Chico Buarque ter sido eleito a melhor obra de ficção do ano, embora tenha ficado apenas em segundo lugar na categoria Romance. A diferença entre os dois resultados, uma peculiaridade do Prêmio Jabuti, explica-se pelo fato de que as premiações por categorias são decididas, cada uma, por um júri de três pessoas, enquanto a premiação final, de melhores livros do ano, é decidida pelos votos de todos associados das organizações responsáveis pelo Jabuti — Câmara Brasileira do Livro, Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Associação Nacional das Livrarias e Associação Brasileira de Difusão do Livro."

E mais, em 12/11/2010: "Um levantamento nas listas de premiados pelo Jabuti em ficção e não-ficção mostra que 'Leite derramado' foi a décima-sétima obra a receber o prêmio de livro do ano sem ter ganhado sua categoria específica (veja a relação completa abaixo).

• 2008 Livro do Ano (Ficção): 'O menino que vendia palavras' — Ignácio de Loyola Brandão

Categoria Infantil: 'Sei por ouvir dizer' — Bartolomeu Campos de Queirós; 'O menino que vendia palavras' — Ignácio de Loyola Brandão; e 'Os labirintos' — José Roger Soares de Mello

• 2004 Livro do Ano (Ficção): 'Budapeste' — Chico Buarque

Categoria Romance: 'Mongólia' — Bernardo de Carvalho; 'A margem imóvel do rio' — Luiz Antônio de Assis Brasil; e 'Budapeste' — Chico Buarque

• 2002 Livro do Ano (Ficção): 'O fazedor de amanhecer' — Manoel de Barros

Categoria Infantil ou Juvenil: 'Meninos do nanguê' — Roger Mello; 'O fazedor de amanhecer' — Manoel de Barros; e 'O tamanho da felicidade' — Angélica Bevilacqua

Livro do Ano de Não-Ficção: 'Escrever e criar. Uma nova proposta!' — Ruth Rocha e Anna Flora.

Categoria Didático 1º e 2º graus: 'Biologia' — Armênio Uzunian e Ernesto Birner; 'Atlas geográfico Escolar de Juiz de Fora' — Valéria Trevisani Burla de Aguiar; e 'Escrever e criar. Uma nova proposta!' — Ruth Rocha e Anna Flora

• 2001 Livro do Ano (Ficção): 'Invenção e memória' — Lygia F. Telles

Categoria Contos e Crônicas: 'Andante com morte' — Mario Pontes; 'Hóspedes da solidão' — Rodolfo Konder; 'Invenção e memória' — Lygia F. Telles

Livro do Ano de Não-Ficção: 'Corações sujos' — Fernando Morais

Categoria Reportagem: 'A família Canuto e a luta camponesa na Amazônia' — Carlos Cartaxo; 'Corações sujos' — Fernando Morais; e 'O caso da Favela Naval' — José Carlos Blat e Sérgio Saraiva

• 2000 Livro do Ano (Ficção): 'À sombra do cipreste' — Menalton Braff

*Não incluído entre os três melhores da categoria Contos e Crônicas

• 1999 Livro do Ano (Não-Ficção): 'As barbas do imperador' — Lília Moritz Schwarcz

*Não incluído entre os melhores da categoria Ciências Humanas

• 1998 Livro do Ano (Não-Ficção): 'Monteiro Lobato — Furacão na Botocúndia' — Carmen Lúcia Azevedo, Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta

Categoria Ensaio e Biografia: 'A dança do universo' — Marcelo Gleiser; 'Monteiro Lobato — Furacão na Botocúndia' — Márcia Camargos, Car-

Categoria Infantil: 'Sei por ouvir dizer' — Bartolomeu Campos de Queirós; 'O menino que vendia palavras' — Ignácio de Loyola Brandão; e 'Os labirintos' — José Roger Soares de Mello

• 1997 Livro do Ano (Ficção): 'Um passarinho me contou' — José Paulo Paes

Categoria Infantil ou Juvenil: 'Esta força estranha' — Ana Maria Machado; 'Seis vezes Lucas' — Lygia Bojunga Nunes; e 'Um passarinho me contou' — José Paulo Paes

• 1996 Livro do Ano (Ficção): 'Quase memória' — Carlos Heitor Cony

Categoria Romance: 'Amor?' — Ivan Ângelo; 'O mistério do leão rampante' — Rodrigo Lacerda; 'Quase memória' — Carlos Heitor Cony

Livro do Ano de Não-Ficção: 'Estrela solitária' — Ruy Castro

Categoria Ensaio: 'A contestação necessária' — Florestan Fernandes; 'Estrela solitária' — Ruy Castro; e 'O salão e a selva' — Maria E. Boaventura

• 1995 Livro do Ano de Ficção: 'O Chalaça' — José Roberto Torero

Categoria Romance: 'A descoberta das Américas pelos turcos' — Jorge Amado; 'Ana em Veneza' — João Silvério Trevisani; e 'Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso Conselheiro Gomes, o Chalaça' — José Roberto Torero

Livro do Ano (Não-Ficção): 'O Brasil que dá certo' — Stephen C. Kanitz

Categoria Economia, Administração e Negócios Novo: 'Dicionário de economia' — Paulo Sandroni; 'O Brasil que dá certo' — Stephen C. Kanitz; e 'Repensando as pequenas e médias empresas' — José Roberto Saviani

• 1994 Livro do Ano (Não-Ficção): 'O cidadão de papel' — Gilberto Dimenstein

Categoria Didático: 'Matemática, o planeta azul' — C. Pires, M. Nunes e M. Toledo; 'O cidadão de papel' — Gilberto Dimenstein; e 'Produzindo leitura e escrita' — D. R. Michalovsky e R. F. Batista Teixeira; e 'SOS ciência' — Íris Stern

• 1993 Livro do Ano (Não-Ficção): 'Rota 66 — A história da polícia que mata' — Caco Barcellos

Categoria Reportagem: 'Barulho — Uma viagem pelo underground do rock' — André Barcinski; 'Meninas da noite' — Gilberto Dimenstein; 'Os fantasmas da Casa da Dinda' — Luciano Suassuna e Luís Costa Pinto; e 'Rota 66 — A história da polícia que mata' — Caco Barcellos."

Chico Buarque, por e-mail